

AS RAÍZES DA TRADIÇÃO BÍBLICA DO ACOLHIMENTO NA IGREJA SEGUNDO O PAPA FRANCISCO: ACOLHER, PROTEGER E INTEGRAR O REFUGIADO

THE ROOTS OF THE BIBLICAL TRADITION OF THE RECEPTION IN THE CHURCH ACCORDING TO POPE FRANCIS: WELCOMING, PROTECTING AND INTEGRATING THE REFUGEE

*Sílvia Costa Oliveira*¹

Resumo: O presente artigo procura fazer uma leitura das raízes bíblica da tradição da acolhida aos imigrantes e refugiados. Comenta também os pontos mais importantes da mensagem do Papa Francisco, por ocasião do 104º Dia Mundial do Imigrante e Refugiado. Busca realçar as tradições bíblicas presentes no judaísmo e cristianismo sobre a espiritualidade do acolhimento ao estrangeiro, como uma forma da Igreja em sua ação missionária, propondo o acolhimento como uma nova metodologia da ação evangelizadora para toda a Igreja. Mediante às profundas mudanças sociais provocadas pelo desenvolvimento tecnológico que marcou a vida da sociedade do terceiro milênio, tais transformações contribuem para o bem da vida social, e outras acabam gerando dor e misérias no âmbito da comunidade global. O mau uso dessas tecnológicas proporciona a guerra e a luta pelo poder entre os povos. Hoje, inovações tecnológicas são sinais de poder e domínio de uns sobre os outros. Surgem assim, as questões dos refugiados, que assumem dimensões mundiais preocupantes para a Igreja.

Palavras-chave: Transformações sociais. Mensagem do Papa Francisco aos refugiados. Espiritualidade do acolhimento.

Abstract: This article seeks to make a reading of the biblical roots of the tradition of welcoming immigrants and refugees. He also comments on the most important points of Pope Francis's message on the 104th Day of the Immigrant and Refugee. It seeks to emphasize the biblical traditions present in Judaism and Christianity on the spirituality of welcoming the stranger as a form of the Church in her missionary activity, proposing welcoming as a new methodology of evangelizing action for the whole Church. Through the profound social changes brought about by technological developments that marked the life of the society of the third millennium, such transformations contribute to the good of social life, and others end up generating pain and misery within the global community. The misuse of these technologies provides war, struggle for power among peoples. Today, technological innovations are signs of power and domination over each other. In this way, the refugee issues, which take on global dimensions of concern for the Church.

Keywords: Social transformations. Message from Pope Francis to the refugees. Spirituality of the host.

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Sagrado Coração – (USC), Bauru – SP. Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos – (ITRA) Marília, com reconhecimento eclesial, pela faculdade Nossa Senhora da Assunção, SP. Formado em Comunicação Social pela Universidade do Oeste Paulista – (UNOESTE) Presidente Prudente SP. Atualmente mestrando em Teologia Bíblica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP) E-mail: jornalistaoliver@gmail.com

1. Introdução

A situação dos imigrantes e refugiados é um tema crucial para a sociedade moderna. Toda essa problematização em torno dos imigrantes e dos refugiados chama a atenção da sociedade. Sendo Igreja um organismo social em defesa da vida, os refugiados se tornam uma preocupação para esta instituição que sempre lutou pela preservação da vida com um dom de Deus. Este tema não está ligado somente a uma questão religiosa, mas a Igreja, em sua longa caminhada de vida pela história, faz um apelo no coração da humanidade: é preciso acolher, proteger e integrar o imigrante e refugiado.

Com o advento da tecnologia, a sociedade moderna sofreu um impacto e passa por profundas transformações. Tais mudanças contribuem para o bem da vida social, e outras acabam gerando dor e misérias no âmbito da comunidade global.

Os seres humanos, vislumbrados pelas incríveis descobertas, como a energia atômica e outros elementos, fazem uso errôneo dos seus conhecimentos. Mais uma vez, se repete a história de Gênesis, onde o mau uso da liberdade gera a morte e não a vida (Gên. 3,1-14). Os conhecimentos científicos que poderiam ser colocados a favor do bem da humanidade, se tornaram objeto de poder e conquista. Hoje, as inovações tecnológicas são sinais de poder e domínio de uns sobre os outros. Este desejo de domínio, de etnia contra etnia, gera a guerra, sinônimo de dor e fome, e culmina no êxodo de milhares de pessoas, que, na fuga, em busca de condições melhores de vida, imigram para outros países.

Surgem assim, as questões dos refugiados, que assumem dimensões mundiais preocupantes para a Igreja e toda a sociedade. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur)² dão conta da existência de 61 milhões de pessoas obrigadas a deixar os seus locais de origem devido à perseguição religiosa, política e conflitos.

Uns dos maiores defensores nas causas dos imigrantes e refugiados é o Papa Francisco, sinal da presença de Deus no acolhimento aos necessitados. Francisco dá o exemplo por gestos quando pede que a Igreja seja colhedora, ele mesmo abre as portas do Vaticano em prol desses necessitados. Por palavras, quando publica a 104ª Mensagem pelo Dia Mundial dos Imigrantes e Refugiados, o Papa oferece a Igreja um

² O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) <http://www.acnur.org/portugues/o-acnur>. Acessado dia 03/11/2017 às 13:05

belo testemunho de acolhida e lembra todos os cristãos que a missão de evangelização da Igreja passa também pelo acolhimento. Com esta visão de acolhimento de Francisco, ele aponta novos caminhos para missiologia e de uma Igreja em saída.

Por isso, no decorrer da modernidade tecnológica, a Igreja também tem que atualizar sua ótica de missiologia, que deve ser entendida como missão de acolhimento aos imigrantes e refugiados como parte da tradição judaico-cristã. E que a missão de evangelização está no começo e deve ser compromisso de todos os batizados. Assim, lembra a encíclica *Redemptoris Missio*:

A missão confiada à Igreja, por Cristo, de anunciar o Evangelho, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. No segundo milênio, após o primeiro advento de Cristo, tem-se uma visão de conjunto da humanidade que mostra que a missão de anúncio da boa nova está ainda no começo, e que os cristãos devem empenhar-se com todas as forças no seu serviço [...].

Evangelizar, portanto, também se torna um serviço social, que consiste em provocar uma nova evangelização que se inicia pelo acolhimento daqueles que batem à porta da comunidade cristã, a Igreja. Como afirma a exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, no 177, “o kerigma possui um conteúdo inevitavelmente social”.³ Este conteúdo kerigmático deve ser traduzido no acolhimento aos necessitados.

2. Um olhar sobre a realidade

Por incrível que pareça, em pleno século XXI, o ser humano possui atitudes brutais quando se refere ao ato de conquista e de imposição da sua vontade. Por meio da força e do poder de conquista de uns sobre os outros, auxiliados pelas tecnologias que se transformam em avançadas armas bélicas, fica mais evidente a lei que afirma que o mais forte domina o mais fraco no desejo de domínio para impor sua cultura, religião, ou forma de pensar na busca constante, não mais pela sobrevivência, mas sim pelo desejo de dominação, como fora as grandes civilizações que conquistavam para impor seu jeito de ser, num ideal de unificar ou globalizar a sociedade conquistada.

O fenômeno da globalização vivido pela sociedade contemporânea, caracteriza-se essencialmente por pretender universalizar conhecimentos, comportamentos,

³ Francisco, Papa. *Evangelii Gaudium*. SP: Paulus; Loyola, 2013. N° 177

ideologias que impõem suas formas, e, praticamente, determina as vias mestras do corpo social. É o constante processo de mutação social.

Dentro deste processo de mudança, a tecnologia se transforma em força bélica, exercesse o poder central sobre as nações e, ao mesmo tempo, dá uma certa noção de segurança. Quem detém esta tecnologia, dita as regras para a sociedade globalizada. Não se importa com o sujeito humano, o essencial é demonstrar o poder de fogo que cada nação tem uma sobre as outras. Contudo, em meio a esse campo de batalha tecnológica e bélico, se encontram as populações imigrantes e refugiadas, novo rosto dos pobres, denominado pelo documento de Aparecida:

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos de pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados [...] ⁴.

O tema dos refugiados se torna uma questão de preocupação para toda sociedade ocidental. Os Bispos da América Latina e do Caribe fixam seus olhares nesta realidade, principalmente no campo da evangelização. O episcopado latino-americano e do Caribe estão em consonância com o apelo do Papa Francisco.

Adiante desta situação mundial, a Igreja da América Latina apresenta, então, uma nova categoria de excluídos, os imigrantes, vítimas das violentas guerras e perseguição étnica ou religiosa que assolam boa parte da humanidade. Nos últimos quatro anos, a persistência ou o agravamento de conflitos armados causaram o aumento vertiginoso dos deslocamentos forçados. Ao final de 2014, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) ⁵, havia no mundo 59,5 milhões de deslocados forçados, em sua maioria em decorrência de conflitos armados, entre eles 19,5 milhões de refugiados, 38,2 milhões de deslocados internos e 1,8

⁴ Documento de Aparecida, Paulinas. SP. N 402. 2007

⁵⁵ O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), conhecido como a agência da ONU para refugiados, tem o mandato de dirigir e coordenar a ação internacional para proteger e ajudar as pessoas deslocadas em todo o mundo e encontrar soluções duradouras para elas.

Com objetivos modestos, iniciou seus trabalhos em 1950. Mas já ajudou dezenas de milhões de pessoas e recebeu dois Prêmios Nobel da Paz por seu trabalho humanitário.

Para quem se vê obrigado a fugir de seus lares, normalmente devido a guerras ou perseguições, a Agência da ONU para Refugiados é, frequentemente, a última esperança de um retorno a uma vida normal. Hoje em dia, com uma

milhões de solicitantes de refúgio, tendo a apátrida⁶ afetado, pelo menos, 10 milhões de pessoas.

Todo este movimento de fuga de pessoas, denominado de refugiados, ganha aos poucos uma nova expressão menos agressiva: mobilidade humana. Este termo está relacionado com mobilidade urbana, que é a condição criada para as pessoas poderem se locomover entre as diferentes zonas de uma cidade. Atualmente, os automóveis particulares e os meios de transportes públicos são os meios de mobilidade urbana mais utilizados.⁷

Contudo, essa conotação linguística foi transformada em mobilidade humana, uma vez que se refere aos fugitivos, que se locomovem entre as situações provocadas pelas guerras e perseguições. As grandes cidades e países superdesenvolvidos apresentam uma maior atração para os refugiados no desejo de dias melhores. As capitais tornam-se guetos próprios das novas culturas e de subsistências, com nova linguagem, modificando, assim, a paisagem do continente europeu e americano, vai-se transformando e pintando uma nova realidade social. Na maioria das vezes, os refugiados não são aceitos e são criticados pelos próprios países escolhidos como sua nova casa, como uma nova pátria.

Todos esses elementos, citados acima, provocam uma nova estrutura social e geram uma sociedade pluralista e multicultural, a ponto de criar uma globalização forçada pela necessidade, constituída por redes de produção e rede de consumidores, onde cresce a desigualdade social, o trabalho escravo e a exploração do ser humano. O homem, mais uma vez, perde sua dignidade enquanto pessoa criada à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26) e passa a ser um objeto comercial de exploração, vítima e algoz ao mesmo tempo. Assim, cita Aparecida:

[...] as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicod dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros .⁸

⁶Apátrida: ausência ou perda de vínculo de nacionalidade com um Estado. <https://www.significados.com.br/mobilidade-urbana/>. acessado em 03/11/2017 às 14:56.

⁷ <https://www.significados.com.br/mobilidade-urbana/>. acessado em 03/11/2017 às 12:56.

⁸ Documento de Aparecida, Paulinas. SP. N 402. 2007

A linguagem adotada pelo documento de Aparecida é ampla e abarca a todos que de uma forma ou de outra sofrem uma situação de exclusão. O documento, na verdade, traz um alerta da situação atual de todos os marginalizados e lembra a responsabilidade da Igreja da América Latina como parte de uma instituição em favor dos pequenos e fracos, reforçando a sua preferência pelos pobres, quando convoca pastores, governo e leigos a assumir suas responsabilidades na construção da sociedade.

A Igreja na América Latina e no Caribe sente que tem uma responsabilidade em formar cristãos e sensibilizá-los a respeito das grandes questões da justiça internacional. Por isso, tanto os pastores como os construtores da sociedade têm que estar atentos aos debates e normas internacionais sobre a matéria. Isso é especialmente importante para os leigos que assumem responsabilidades públicas, solidários com a vida dos povos [...] ⁹

Por isso, a Igreja, neste contexto de responsabilidade e de compromisso de formar leigos conscientes e sensíveis à causa dos refugiados, entende seu papel junto ao povo sofrido e se irmana na busca da justiça social da qual provém as verdades do evangelho que recebeu de Cristo, o messias, libertador, esperado por todos que sofrem alguma forma de opressão.

3. Dia mundial do imigrante e refugiado

Na consciência cristã de promover e ajudar sociedade na busca da libertação, a Igreja proclama: “Todas as formas de atividade missionária se caracterizam pela consciência de promover a liberdade do homem, anunciando-lhe Jesus Cristo” [...] Neste compromisso de anunciar a libertação, a Igreja coloca no terceiro domingo de janeiro, o Dia Mundial dos Imigrantes e Refugiados, comemorado pela primeira vez no ano de 1915, em um desejo de chamar a atenção da sociedade sobre este problema da imigração. A Igreja busca aprofundar a compreensão do fenômeno migratório e a consciência dos desafios que os imigrantes e refugiados enfrentam no mundo. Para comemorar a data, todos os anos o Papa dirige uma mensagem ao mundo sobre a temática da imigração, outros líderes de outras religiões também se têm manifestado.

⁹ Documento de Aparecida, Paulinas. SP. N 406. 2007

Com a reta intenção de contribuir e ajudar na solução dos problemas sobre as questões dos imigrantes, a Igreja se ocupa em dirigir a sua mensagem. De modo especial, o Papa Francisco deseja chamar a atenção sobre os mais vulneráveis, as crianças imigrantes que chegam sozinhas aos países do ocidente, muitas vezes fragilizadas e por serem menores de idade, estrangeiras e indefesas, elas acabam se tornando vítimas de graves violações dos direitos humanos.

Mais do que conscientizar, o Dia do Refugiado é um apelo para ação. Neste dia, os governantes, os legisladores e mesmo os cidadãos comuns são convidados a aprofundar a questão da imigração e dos refugiados, sugerindo soluções e gerando iniciativas para melhorar a situação atual. Assim, a Igreja eleva sua voz através dos tempos e de alguns Papas, como São João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco, que, com voz forte e profética, ressoaram na sociedade, chamando a atenção para a situação dos refugiados.

Portanto, quando se ouve o Papa Francisco falar sobre a crise dos refugiados pode-se entender que o tema foi introduzido no discurso da Igreja pelo pontífice imigrante, mas não é bem assim. Não se pode negar que o pontificado de Francisco seja marcado pelas questões das situações dos refugiados, e com a presença massiva dos meios de comunicações, o assunto ganha maiores repercussões. Seu Papado está no centro do furacão dos refugiados que assola a Europa, principalmente a Itália, a Alemanha, assim como outros países europeus e também o continente americano.

O Papa toma como bandeira marcante de sua vida o amor aos pobres e necessitados. Não se pode esquecer que Francisco tem uma teologia latina americana e que participou ativamente, como padre e Bispo, das conferências latino-americanas, principalmente da conferência de Aparecida, o qual atuou no secretariado e na redação final deste documento. E agora, no seu governo, à frente da Igreja de Cristo, leva consigo as experiências da Teologia da Libertação nascida na América latina, o que é um ponto importante que impulsiona sua missão enquanto está na cátedra de Pedro.

4. A mensagem de Francisco

Em sua mensagem para o próximo Dia Mundial dos Imigrantes e Refugiados, que acontecerá no dia 14 de janeiro de 2018, com o tema “Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os refugiados”, o Papa Francisco comenta a triste situação de tantos imigrantes que fogem da guerra e da pobreza,

como “um sinal dos tempos” e lembra que a Igreja tem a grande responsabilidade de compartilhar com todos a preocupação com os imigrantes.

Nota-se que, já no início da mensagem, o Papa usa quatro verbos no infinitivo, os quais vão conduzir toda a mensagem e sempre firmado em um texto bíblico: “O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque foste estrangeiro na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 19, 34).

O Papa afirma que é necessário oferecer aos imigrantes e aos refugiados mais oportunidades de entrada segura e legal nos países. O desejo de Francisco é que os países acolham com presteza os refugiados, por isso, ele trabalha o verbo acolher. Este verbo, na tradição da Igreja, possui todo um significado. Já em sua encíclica *Evangelii Gaudium*, ele faz menção implicitamente deste verbo, ao dizer que: “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas”¹⁰, portas abertas que estejam prontas a acolher a quem precisa de guarida.

Francisco também faz um apelo aos países que simplifiquem as concessões de vistos humanitários e incentive a reunificação familiar num gesto de acolhida. Quando convoca a igreja ser uma casa de portas abertas, está manifestando seu desejo de acolhimento a todos. Neste desejo de acolhida, o Papa reforça a necessidade de abrir corredores humanitários para os refugiados mais vulneráveis, e que a Igreja deve inquietar-se e preocupar-se com os necessitados:

[...] Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida [...]”¹¹.

A crítica que Francisco tece contra o fechamento coletivo das portas para os migrantes e refugiados, especialmente quando realizada em direção aos países mais desenvolvidos, é que não garantem o respeito pelos direitos fundamentais da vida. Negando-lhes a acolhida em nome de uma falsa proteção contra o terrorismo, fere o

¹⁰ *Evangelii Gaudium*, Papa Francisco n.74, Paulus, Loyola. SP. 2013. Podemos traduzir a expressão de uma Igreja de portas abertas, no desejo de sempre acolher. Aqui Francisco demonstra todo o seu desejo que a Igreja seja a colhedoras.

¹¹ *Evangelii Gaudium*, n.49

princípio da vida que a Igreja tanto defende. O Pontífice reitera o princípio da centralidade da pessoa humana.

Após os recentes ataques terroristas, novos debates surgiram sobre como a Europa, nações ricas e as Américas devem aceitar refugiados da nação síria, ou de origens árabes, provindo da religião islâmica, devastada pela guerra. Nos últimos anos, vários governadores têm-se pronunciado contra esta abertura solicitada pelo Papa, alegando que os refugiados são terroristas e que seus estados irão rejeitar pessoas que, na condição de refugiados que fogem da violência, são, na verdade, membros de células terroristas querendo se infiltrar nos países ocidentais.

Com toda esta situação de temeridade terrorista, a questão da reforma da imigração é sutil, e as políticas são muitas vezes legislativamente complexas. E isto, afirma a mensagem do Papa, acarreta a necessidade de um maior esforço para gerar soluções alternativas para os imigrantes, para que os estados proporcionem o florescer de um horizonte de sentido e de vida. O Papa alerta que:

[...] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: `Dai-lhes vós mesmos de comer` (Mc 6, 37)¹².

A preocupação maior de Francisco é a necessidade dos refugiados enquanto pessoas, não devendo ser tratadas com descasos por líderes políticos ou por questões legalistas.

Depois da acolhida, o Papa trabalha o verbo proteger. Sua concepção vai além daquele sentido de cuidar, dar guarida. Essa proteção inicia-se em casa e deve continuar na terra da imigração, afirma ele. A necessidade de valorizar as habilidades e competências dos imigrantes que devem ter, conseqüentemente, liberdade de movimento nos países anfitriões e oportunidade de trabalho, são sinal desta proteção¹³. Na verdade, o Papa pede um reconhecimento das habilidades nos imigrantes, pois muitos possuem formações acadêmicas e profissionais em diversas áreas, podendo contribuir com o próprio país que os acolhe, sendo um grande dom de Deus.

¹² *Evangelii Gaudium*, n. 49.

¹³ Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial do imigrante e do refugiado 2018 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html. Acessado dia 20 /11/2017 as 13:30

Além disso, Francisco cita a proteção de crianças imigrantes, que têm o direito de estudar e viver com suas famílias, tuteladas de qualquer forma de detenção. E, referindo-se à situação de apátrida de alguns imigrantes, ele sugere que a questão pode ser superada com uma Lei de Cidadania conforme o Direito Internacional. “É preciso lutar para viver, e muitas vezes, vive-se com pouca dignidade” (Evangeli Gaudium n° 52).

Na visão de Francisco, o proteger é dar condições de vida aos refugiados, não somente acolher, mais incorporá-los na vida cotidiana, para que eles se sintam parte desta sociedade que os acolhe. O verbo proteger está buscado promover ou integrar os refugiados como parte da sociedade.

Ao usar o verbo promover, o pontífice entende a realização plena como pessoa, e a promoção verdadeira da dimensão da humanidade. Não basta acolher, dar proteção, é preciso ir além, reconhecer a humanidade em cada um, incorporando-os na vida social, política e religiosa em que foi acolhida, fazendo integração sócio profissional, o que é importante para que o indivíduo seja mais um a somar na sociedade e não a dividir, pois o processo de acolher e não incluir gera a violência tão temida por todos os países:

Hoje, em muitas partes, reclama-se por maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigá-la a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há de provocar a explosão [...].¹⁴

Para o Papa, incluir ou integrar é parte essencial no combate à violência. Por isso, ele elogia também em sua mensagem os esforços que muitos países têm feito em termos de cooperação internacional, relevando que na distribuição das ajudas, sejam consideradas as necessidades dos países em desenvolvimento que recebem grandes fluxos de refugiados e imigrantes.

Ao mesmo tempo, o Pontífice lembra a todos que o processo de integração acontece através da concessão da cidadania, independentemente de requisitos econômicos ou linguísticos, pois, só assim, o imigrante se sentirá como parte de um todo; e coloca a Igreja disponível a se comprometer, em primeira pessoa, neste

¹⁴ *Evangeli Gaudim, n..59*

campo. Para alcançar os resultados esperados, ele adverte, no entanto, que a contribuição da comunidade política e da sociedade civil é indispensável.

Para que o desejo do Papa seja entendido e acolhido é preciso voltar à tradição de Israel e da Igreja. Ele próprio busca reconhecer o valor do acolhimento e da proteção ao estrangeiro, e afirma seu pensamento na citação bíblica da Torá, Levítico 19, 34. Esta tradição faz parte da espiritualidade do povo de Deus e da Igreja. Buscando a referência do texto bíblico, Francisco faz entender o verdadeiro sentido deste ato de acolhimento, e que se pode compreender seu apelo. É preciso voltar o olhar para a revelação das Sagradas Escrituras, da Tradição, que sempre demonstraram o amor de Deus pelo ser humano, obra mais importante da criação.

5. As raízes da tradição bíblica do acolhimento nas Sagradas Escrituras

O povo judeu e a comunidade cristã estão intimamente ligados pela mesma fé no Deus de Abraão. Por meio desta fé, a Igreja participa da promessa de Deus feita a Israel. Assim, define a declaração *Nostra Aetate*:

Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que une o povo do Novo Testamento que esta espiritualmente ligado à descendência de Abraão. Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé, estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios.¹⁵

Segundo o texto da *Nostra Aetate*, percebe-se que a Igreja, está ligada intimamente a toda a tradição de Israel. Ela adquiriu para si a espiritualidade do povo eleito, e muitos costumes, ritos e cultura do povo judeu, na sua vida, ao se alimentar da

¹⁵ Paulo VI, Papa. Declaração *Nostra Aetate*, N 4, sobre a Igreja e as religiões não cristãs, 1965. Esta declaração (NA), foi aprovada no dia 28 de outubro de 1965, pela Papa Paulo VI. Com esta Declaração, a Igreja Católica assume, oficialmente, a abertura de caminhos, proporcionada pela visão eclesial da maioria dos bispos participantes do Concílio, para o diálogo com as Religiões não cristãs denominado diálogo inter-religioso (DIR), o qual não deve ser confundido com o diálogo entre religiões cristãs, chamado Ecumenismo, defendido no Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR), promulgado um ano antes.

raiz da oliveira mansa. Um desses costumes se encontra a tradição da acolhida aos estrangeiros.

Os primeiros sinais desta tradição encontram-se em Gênesis (18,1-13), com a figura de Abraão, o grande pai na fé das religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismos. O texto de Gênesis 18,1-13 leva a refletir sobre a hospitalidade e o acolhimento que Abraão dispensou aos enviados de Deus, no carvalho de manbré. O princípio vétero- testamentário é justamente o acolher o estrangeiro, e quem o faz, acolhe o próprio Deus. Na figura de Abraão apresenta-se o modelo do homem que está atento a quem passa. Ele partilha tudo o que tem com o irmão que atravessa no seu caminho e encontra no hóspede, que entra na sua tenda, a figura do próprio Deus. Sugere-se, em consequência, que Deus não pode deixar de recompensar quem assim procede.

Na verdade, toda Escritura Sagrada corresponde a um convite ao acolhimento da pessoa humana, fazer o ato de acolhimento ao estrangeiro é, portanto, assumir atitude de Abraão. O exemplo dado por ele vai perpassar toda a Torá e ressoar fortemente nos Evangelhos. Por isso, o Papa Francisco, como guardião da tradição da Igreja, resgata na Tradição Oral e Escrita do Povo de Deus, esta dimensão da fé judaico-cristã.

6. O acolhimento na Torá

O povo de Israel, com base nos ensinamentos da Torá, sempre teve presente em sua memória, o mandamento da acolhida, a hospitalidade aos estrangeiros. São inúmeras as passagens bíblicas que ressalta seu valor no convívio social.

Por exemplo, em Levíticos, o Eterno proíbe a opressão,

E quando o estrangeiro peregrinar convosco na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus. (Lv 19.33-34);

Demonstra a caridade com o estrangeiro faminto:

Quando também fizerdes a colheita da vossa terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua sega. Semelhantemente não rabiscarás a tua vinha, nem

colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o Senhor vosso Deus. (Lv 25.9-10);

Deus demonstra seu amor ao estrangeiro:

Que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa; Deus lembra da condição de Israel como de estrangeiros, por isso amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. (Deuteronômio 10.18-19);

E por fim, o acolhe em sua casa: “O estrangeiro não pernoitava na rua; as minhas portas abria ao viandante” (Jó 31.32).

Esta consciência de acolhimento ao estrangeiro é tão forte na vida do povo de Israel, porque vem de um preceito divino e vivido pelos patriarcas, passado de geração em geração, a tal ponto de permanecer na Igreja Cristã como um dever de cada membro que se compromete viver o evangelho segundo o que Cristo ensinou. Na litúrgica católica, no 30º domingo do tempo comum do ano A, é parte da liturgia da palavra a leitura de Êxodo 22,20-26, que faz menção da acolhida ao estrangeiro: “Eis o que diz o Senhor que: Não prejudicarás o estrangeiro, nem o oprimiras, porque vós próprios fostes estrangeiros na terra do Egito”; ou em Levítico: “O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque foste estrangeiro na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus (Cf Lv 19, 34)”, justamente a passagem escolhida pelo Papa Francisco para compor a fundamentação bíblica da sua mensagem. Isto, para ressaltar a importância que o tema do acolhimento que, ainda hoje, possui na comunidade cristã, ressaltar que o estrangeiro ocupa seu lugar na tradição da Igreja Católica.

7. O acolhimento ao estrangeiro no Novo Testamento

O Novo Testamento constantemente destaca a figura do estrangeiro e o papel da comunidade no serviço e no acolhimento aos necessitados. Aqui se tem algumas passagens que discutem como os cristãos devem tratar os imigrantes, os refugiados e aqueles que necessitam de ajuda, ou são marginalizados pela sociedade.

Uns dos temas mais abordados por Jesus em todos os evangelhos é a atitude do acolhimento. Inúmeras vezes, Jesus demonstra esta atitude aos pequenos e fracos, aos marginalizados da sua época e também faz aos seus discípulos as mesmas recomendações, reforçando já o ensinamento provindo da tradição judaica. Assim,

todo o Novo Testamento está repleto de exortações, recomendações à prática da hospitalidade e acolhimento ao imigrante, ao estrangeiro e excluído.

Segundo o evangelho de Mateus, que fala para uma comunidade de judeus convertidos ao cristianismo, é reforçado mais uma vez aquilo que esses judeus já conheciam pela prática da Torá:

Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram. (Mt 25.35-36).

Esta é basicamente a última pregação de Jesus, neste evangelho, estas são as últimas palavras da exortação final do Cristo antes de sua morte. Também aí se apresentam os critérios de julgamento final da comunidade cristã, que consiste na regra de caridade e acolhimento ao estrangeiro e necessitado. O acolhimento é um convite para a comunidade entrar no reino de Deus e viver toda a dimensão da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Outra referência bíblica importante encontrada sobre o tema do acolhimento aos refugiados, também em Mateus, é a fuga da Sagrada Família para o Egito (Mt 2,13-18). Esta talvez seja a mais conhecida entre os cristãos, pois está dentro do contexto das festas natalinas, representada por pinturas e afrescos de Igreja, demonstra já uma dura realidade na vida da Sagrada Família que, como imigrantes, buscam refúgio em outro país.

Esta narrativa da comunidade mateana expressa um êxodo inverso. A Sagrada Família busca no Egito um refúgio. O Egito que não é mais o lugar da escravidão, mas se torna lugar da proteção para Maria, José, e o menino Jesus. Os papéis se invertem, o opressor agora não é mais o Faraó, e sim Herodes. Ele reina sobre a Judeia e toda a Palestina, Maria e José são obrigados, pela situação de perseguição, a fugir. Mateus mostra já uma realidade vivida pela família do carpinteiro José, que se vê obrigado a refugiar-se no país que no passado oprimiu seu povo. Este mesmo país acolhe sua família e oferece condições de sobrevivência para eles. Assim, relata o evangelho de Mateus:

Após o regresso dos magos, eis que o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: Levanta-te, toma o Menino e a Mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o Menino para o matar (Mt 2,14).

Acreditando em um sonho, como o de José, que teve uma revelação divina, muitas famílias, em busca de condições de vida, fogem para terras estrangeiras em busca de sobrevivência. Os motivos que os levam a buscar este sonho impulsionam famílias a empreender viagens de muitos quilômetros.

No deserto de um mundo globalizado, de uma sociedade ocidental fechada em si mesma, onde reina o espírito do egocentrismo, os refugiados, enfrentam inúmeros desafios de uma fuga dolorosa. As condições climáticas, como a temperatura no deserto, à noite, chegam a zero grau, e durante o dia, a cinquenta graus positivos. Os perigos dos mares, e precárias condições de transportes, que geram os naufrágios, fazem os refugiados partirem sem saber o que esperam; sentem a insegurança de seguir, mas na firme espera de uma vida melhor, partem.

Os retirantes correm o risco de encontrar ladrões e feras do deserto, piratas e salteadores nos mares, mesmo assim tentam chegar às terras do novo Egito, ou continentes, onde esperaram ser acolhidos como a Sagrada Família. Por volta do ano 1250 ac., os judeus saíram do Egito perseguido pelo Faraó, que queria eliminá-los. Agora, aquela estrutura do governo egípcio torna-se proteção ao Menino-Deus. Por isso que o Papa Francisco, na firme espera, exorta aos governantes dizendo:

Queridos irmãos e irmãs, à luz destes processos já iniciados, os próximos meses constituem uma oportunidade privilegiada para apresentar e apoiar as ações concretas nas quais quis conjugar os quatro verbos. Por isso, convido-vos a aproveitar as várias ocasiões possíveis para partilhar esta mensagem com todos os atores políticos e sociais envolvidos – ou interessados em participar – no processo que levará à aprovação dos dois acordos globais¹⁶.

O desejo de Francisco é que os governantes, ao contrário de Herodes, promovam a vida e não a morte de inocentes, que os governantes não sejam como o primeiro Egito que oprimiu o povo, mas seja como o segundo Egito, que acolheu a Sagrada Família, porque houve uma mudança de pensamento, ajustando os acordos políticos em prol dos que sofrem a exclusão e a discriminação por serem refugiados.

Como Jesus, Maria e José permaneceram por mais de quatro anos, até a morte de Herodes, quando então puderam voltar em segurança para Nazaré, assim o Papa espera

¹⁶ Francisco, Papa MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2018 14 de janeiro de 2018. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html. Acessado em 15/11/2017, às 21:11

que os países se unam na promoção de acolher, proteger e integrá-los com segurança na sociedade.

É em busca dessa segurança da vida que tantos refugiados se aventuram e esperam que a Igreja, se lembre de vocação ao acolhimento que tanto necessitam. A história da Sagrada Família é um retrato de tantos refugiados que se apoiam na credibilidade de sonhos. Por isso, o evangelizar está na tarefa de acolher a pessoa humana, independente de raça ou religião, lançar um olhar para o outro. Assim falava São João Paulo II,

Tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, particularmente, do nosso — como lembrei, na minha primeira Encíclica programática — é a de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira para o mistério de Cristo. [...] No entanto, devido às mudanças dos tempos modernos e à difusão de novas ideias teológicas, alguns interrogam-se: ainda é atual a missão entre os não cristãos? Não estará por acaso substituída pelo diálogo inter-religioso? Não se deverá restringir ao empenho pela promoção humana? O respeito pela consciência e pela liberdade não exclui qualquer proposta de conversão? Não é possível salvar-se em qualquer religião? Para quê, pois, a missão?¹⁷

Estes sábios questionamentos de São João Paulo II demonstram sua preocupação em, muito mais que levar o evangelho aos povos, a missão confiada a Igreja é também empenhar-se na promoção humana. É preciso trazer o evangelho como testemunho de vida e missão no acolhimento ao outro.

Esta missão de acolher tornou-se, com o tempo, menos frequente, porque o homem está cada vez mais materialista, com a vida voltada unicamente para os gozos e bens materiais, passando então a sonhar com o que professa a matéria. A espiritualidade cedeu lugar à materialidade. Já não se acredita mais que Deus se comunica com a humanidade também através de sonhos e sinais do acolhimento, e, principalmente, por meio daquele que sofre as atrocidades da guerra e perseguição.

Como na fuga da Sagrada Família, Deus coloca nas mãos de José, através do sonho, a missão de salvar a vida do menino Jesus da fúria assassina de Herodes. Da mesma forma, a Igreja sente-se responsável moralmente em salvar a vida de inúmeros refugiados que se perdem por falta da urgência da atividade missionária de acolher, que deriva da vida trazida por Jesus:

¹⁷ **Redemptoris missio**, n. 4

A urgência da atividade missionária deriva da radical novidade de vida, trazida por Cristo e vivida pelos Seus discípulos. Esta nova vida é dom de Deus, e, ao homem, é-lhe pedido que a acolha e desenvolva, se quiser realizar integralmente a sua vocação, conformando-se a Cristo. Todo o Novo Testamento se apresenta como um hino à vida nova, para aquele que crê em Cristo e vive na Sua Igreja. A salvação em Cristo, testemunhada e anunciada pela Igreja, é auto comunicação de Deus. O amor não só cria o bem, mas faz participar também na própria vida de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Com efeito, aquele que ama quer dar-se a si mesmo.¹⁸

A espiritualidade deste Evangelho que retrata a fuga da Sagrada Família se resume em fazer acreditar nas relações divinas do acolhimento, através do acolhimento ao próximo, na comunicação da misericórdia e caridade, se faz a experiência de Abraão e se cumpre a promessa de uma geração abençoada.

Outra expressão rica sobre acolhimento e cuidado com o estrangeiro está no evangelho de Lucas, 10,25-37, onde se encontra uma pérola preciosa sobre a pessoa do estrangeiro ou refugiado. O autor do terceiro evangelho narra a parábola do bom samaritano e o cuidado com o estrangeiro, que era seu próximo. O grande questionamento feito a Jesus está num contexto de quem é a pessoa do próximo, então, ele responde com a parábola:

Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois o colocou sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e disse-lhe: ‘Cuide dele. Quando voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’. Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ ‘Aquele que teve misericórdia dele’, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: ‘Vá e faça o mesmo’¹⁹

É dentro da resposta de Jesus que o perito na lei entende quem é o próximo. “O vá e faça o mesmo” está no imperativo, é um mandato que foi assumido pelo Papa Francisco como uma resposta a ordem evangélica.

¹⁸ **Redemptoris missio, n.7**

¹⁹ Cf. Lc 10.29-37) Bíblia de Jerusalém, 1 edição, 2002, 11 reimpressão, 2016. Paulus. SP

[...] O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos [...],²⁰ e que pede uma Igreja em saída. [...] A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas [...]²¹.

Assim, Jesus demonstra que os próximos são aqueles que estão ao largo de uma sociedade que não tem voz e nem vez e precisam de ajuda, de acolhimento e cuidado. Renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho, fazendo referência aos marginalizados, excluídos e refugiados. Portanto, a missão da Igreja é uma saída de si para acolher o outro, deve ser uma Igreja samaritana como pede o Papa Francisco.

Com todos esses textos bíblicos e muitos outros apresentados pelo Novo Testamento, a Igreja não pode ficar fora da Lei Abraâmica do acolhimento, observada por Israel, reforçada por Jesus, e deve ser vivida pela comunidade de Cristo. O próprio evangelho lembra a Igreja desse compromisso batismal,

[...] quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, àqueles que não têm com que te retribuir [...].²²

Então, negar a acolhida é um contratestemunho a toda tradição bíblica e à fé cristã, à vocação de união a Deus pela caridade, e ao amor aos pequenos e humilhados que provém do compromisso batismal.

8. Os escritos paulinos e o acolhimento

Uns dos maiores anunciadores do evangelho e formador de comunidades cristãs, com certeza, é Paulo de Tarso. Em suas cartas endereçadas às igrejas, Paulo trabalha os elementos teológicos essenciais para as comunidades cristãs nascentes. Como o tema da unidade citada nos escritos paulinos que realça dimensão de comunhão da Igreja, diz Paulo:

Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só

²⁰ *Evangelii Gaudium*, n.39.p.34

²¹ *Evangelii Gaudium*, n.46.p.39

²² Cf Lc 14, 14. Bíblia de Jerusalém, 1 edição, 2002, 11 reimpressão, 2016. Paulus. SP. EG n.48. p. 41.

corpo, assim também é com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeu, quer grego, quer escravos, quer livre. E a todos nós, foi dado a beber de um único Espírito. O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.²³

Paulo lembra a figura do corpo unido a Cristo e a consciência da missão da igreja de permanecer unida em sua atividade terrena, no compromisso de viver e anunciar o evangelho do reino: “[...] evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer[...]” (EG n 48.p.41). Para consciência de Paulo, sendo judeu e fariseu, conhecia muito bem a regra da acolhida aos estrangeiros, ele, convertido a fé cristã, foi acolhido pela Igreja. Embora com ressalva por partes de alguns que o via com desconfiança. Por isso, Paulo trabalha muito em suas cartas a dimensão do acolhimento.

Quando cita judeus, gregos, livres e escravos, Paulo lembra que o batismo é o sacramento do acolhimento, sem distinção de pessoas ou etnias e condição social. Ele trabalha estas duas dimensões de unidade e acolhimento, buscando integrar os novos cristãos, tendo o batismo em Cristo com ponto central de sua doutrina. Daí para frente, Paulo elabora toda a estrutura teológica de suas cartas enviadas às comunidades. São inúmeras as passagens nas cartas paulinas que denotam o acolhimento, e sem o conhecimento delas se tornam impossível ao homem e a mulher de fé, entender a dimensão da evangelização.

Sem o suporte bíblico, com base nas Sagradas Escritura, muitas vezes esta dimensão da acolhida acaba ficando em segundo ou terceiro plano na vida dos fiéis e até mesmo da Igreja. Por isso, é necessário passar pelo conhecimento bíblico e à luz do magistério para entender que evangelizar, atualizar a mensagem de Cristo também é acolher. A teologia do acolhimento está intimamente ligada ao próprio Deus. “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu” (1 Jo 4,20).

É com todo este embasamento bíblico que Francisco convida a Igreja a continuar sua missão de evangelização. Através do amor aos refugiados, na acolhida sincera da humanidade que o verdadeiro evangelho é semeado, regado e cuidado para que produza os frutos.

²³ Cf 1 Co 12.12-14. Bíblia de Jerusalém, 1 edição, 2002, 11 reimpressão, 2016. Paulus. SP.

9. Conclusão

Ao percorrer toda a Sagrada Escritura, principalmente o evangelho, encontrar-se-á inúmeras atitudes do acolhimento ao peregrino, ao estrangeiro, e na pessoa de Jesus, a própria figura de Abraão que acolhe os peregrinos do deserto. Todo o ensinamento deixado por Jesus consiste na prática de acolher, proteger e integrar os mais fracos na sociedade. Assim, “ele acolhe a multidão dos famintos de pão e palavra de Deus (Jo 6,1-120), acolhe as crianças (Mt 19,13-15) e acolhe a pecadora e a integra no convívio social” (Lc 7,47).

Diante de tantos exemplos deixados por Jesus, a Igreja deve continuar esta prática na sua vida cotidiana e lembrar que acolhimento também é atitude de amor e evangelização. Os gestos de amor fecundam a dimensão missionária da Igreja, faz com que ela se torne cada vez mais o rosto e braços abertos do Senhor misericordioso no mundo, pelo sinal do acolhimento.

Sinal este que continua impulsionando o pontificado do Papa Francisco que convoca toda a Igreja a se abrir em missão acolhedora dos mais pobres. Uma Igreja em saída é justamente isso, estar atenta as necessidades dos marginalizados que no seu discurso tem a praticidade do Cristo que ela prega.

A grande ação missionária da Igreja nos dias de hoje está dentro da atitude de acolher, proteger e integrar pessoa, provinda do êxodo da guerra em busca de um sonho de vida melhor. A mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Imigrantes e Refugiado tem este sentido de gerar um despertar da sociedade e dos próprios cristãos para a realidade do acolhimento. Realidade que pelo comodismo e egoísmo está apagada em muitas comunidades de vida, paróquias e congregações religiosas.

É preciso despertar desse sono e perceber que o grito do pobre e do indefeso é o grito do próprio Cristo que clama por justiça e paz. Este grito vem pela palavra bíblica que demonstra que o acolhimento é dádiva do amor de Deus, e mandamento de Jesus dado a Igreja, e deve ser prática constante nas comunidades cristãs. Por isso, Francisco, cheio de Deus, entende que amar a Deus e o dizer por palavras, deve-se comprometer no testemunho do acolher, proteger e integrar o imigrante e refugiado.

Ao convocar a Igreja para esta prática do acolher, o Papa chama a atenção da sociedade para que quebrem as algemas do medo e da insegurança e se abra a uma verdadeira atitude de amor ao próximo e quem assim o faz, não estará longe de Deus. Ele lembra que a missão dos governantes é de promover políticas que gerem vida e não

a morte. O Pontífice espera que sua mensagem seja também acolhida como a voz do amor pela humanidade presente em Cristo, que assumiu a carne, em uma atitude de acolhimento, para nela trazer a salvação a todos.

Portanto, a atitude de acolher é muito mais sublime quando se faz por amor e respeito a vida humana, não para ganhar páginas em jornais ou se tornar celebridade, como um mero evento social, mas porque todos pertencem ao mesmo barro, à mesma matéria, que é a humanidade presente em cada um. Quem despreza seu semelhante, despreza si próprio, ignora a sua condição humana e se desconfigura do projeto de vida plena que Deus tem para todos.

Referências

- ACNUR. *O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados*. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/o-acnur>>. Acesso em 03/11/2017 às 13h05.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 1ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Edições CNBB, Paulinas, Paulus. 2007
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. SP: Paulus; Loyola, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html>. Acesso em: 20/11/2017 às 13h30.
- PAULO VI, Papa. *Declaração Nostra Aetate*, N. 4. Sobre a Igreja e as religiões não - cristãs, 1965.